

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussira Silva da Costa; Polena Valesca de Machado e Silva

Universidade Potiguar RN – UnP. jussiarasilvadacosta@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de descrever e problematizar as relações de gênero existentes no contexto escolar. Através de metodologia qualitativa e entrevista semi-estruturada, realizada com estudantes estagiários (as) na educação infantil do curso de Pedagogia, pretendemos saber quais suas reflexões diante das relações de gênero e como eles compreendem a relação. Sabemos que o espaço escolar faz parte da formação dos indivíduos, assim sendo, é um lugar privilegiado para a problematização envolvendo as possíveis consequências que as reproduções de diferenças entre meninos e meninas podem fomentar, em um primeiro momento, no interior da escola e, em seguida, na formação da sociedade de um modo geral. Saber até que ponto a discussão sobre gênero foi abordada durante a formação dos estagiários é vital para uma reflexão do modo como essa temática está sendo tratada nas IES.

Palavras chave: Educação Infantil; relações de gênero; estágio.

1. INTRODUÇÃO

A feminilidade/masculinidade atribuída as pessoas, na perspectiva social, é uma construção gradativa, pois dependendo de qual época ou sociedade em que se vive, os atributos do que é ser homem ou mulher podem variar. É através de falas, representações, estímulos e atitudes que são construídas as representações de homens e mulheres. Louro (2013, p. 11) ao falar sobre a composição social dos corpos afirma que:

Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura.

Em vista disso, gênero é uma construção cultural, onde, desde o nascimento de uma criança, se é ensinado a forma de como ser homem e mulher. Auad (2006, p. 21) afirma que as relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construídas em cada sociedade, ao longo da sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos.

A escola, por fazer parte da sociedade e ser um reflexo da mesma, podem acabar reproduzindo estereótipos naturalizados do

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

que é ser homem e mulher. Como por exemplo, as separações de atividades por sexo, muito comum em sala de aula. Esta atitude, é naturalizada, repetida e as vezes não questionada por quem faz parte do contexto escolar, por ser uma herança cultural. Dessa forma, Lins (2016, p. 19) acrescenta que ao pensarmos que “matemática é coisa de menino”, que “menina é mais caprichosa”, enfim, que certas coisas são próprias de meninas e outras de meninos, estamos limitando as aprendizagens e as experiências de vida das crianças e adolescentes.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o socialmente se construiu sobre os sexos (VIERIA, 2013, p. 21).

Salienta-se também, que a escola, surge como um ambiente ideal de diálogo e reflexão sobre as temáticas relacionadas as desigualdades entre homens e mulheres. Auad (2016, p. 56) sustenta que a escola só será uma instituição comprometida com o fomento da solidariedade e desenvolvimento da dignidade quando também estiver comprometida com o termino das desigualdades entre o masculino e o feminino.

A justificativa sobre pesquisar as relações de gênero na Educação Infantil, sob a percepção de estagiários (as) do curso de Pedagogia, se deu como fruto de inquietações e questionamentos referente as estatísticas desiguais entre homens e mulheres na sociedade. Ao passo que, as representações repassadas as crianças sobre como ser homem e mulher, resultará em adultos com comportamentos específicos. Conforme lembra Auad (2006, p. 19), vale ressaltar que as relações de gênero, do modo como estão organizadas em nossa sociedade, são uma máquina de produzir desigualdades.

Em termos de desenvolvimento, sabe-se que, desde muito cedo, as crianças de ambos os sexos são capazes de categorizar as outras pessoas em dois grupo, o do homens e o das mulheres, a partir sobretudo, de aspectos exteriores, relacionados com a aparência e com os comportamentos exigidos numa diversidade de situações. Com a idade, e com a interiorização e utilização dos estereótipos de gênero, elas tomam consciência do que é esperado que ambos os grupos se comportem de forma diferente, como se a exibição de condutas distintas fosse inerente à pertença a uma das duas categorias sexuais possíveis (VIEIRA, 2013, p. 95).

Acrescenta-se, também, que esta pesquisa poderá contribuir nas pesquisas de alunos e interessados da área, e servir como base para futuras investigações e demais trabalhos que problematizam as relações de gênero no contexto escolar. Valendo-se que uma vez que um estudo é desenvolvido no espaço escolar, toda a sociedade é beneficiada.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar a compreensão e impressões dos estagiários (as) do curso de Pedagogia sobre as Relações de Gênero na Educação Infantil, valendo-se do fato de que estarão em breve nas escolas exercendo a docência. Como objetivos específicos, questionou-se aos estudantes estagiários (as) sobre a temática Relações de Gênero no contexto escolar e seus interesses sobre a este tema. Além disso, foi detectado se as Relações de Gênero foram abordadas na universidade no período da formação docente.

O GÊNERO E SUAS DESIGUALDADES

As Relações de Gênero, fazem parte de uma construção gradativa, onde se classifica e estereotipa as pessoas com características do que é ser masculino ou o que é ser feminino a partir do que a sociedade espera. Louro (1997, p. 23) afirma que tal ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existe a priori.

O conceito passa a exigir que se pense no plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religioso, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 2015, p. 23)

Atribuições e padrões estabelecidos pelo senso comum da sociedade sobre a feminilidade e masculinidade não são exclusivas das características biológicas, existe uma construção social que é ensinada a criança desde seu nascimento, seja de forma natural ou até mesmo através de imposições. As justificativas para as desigualdades entre homens e mulheres não devem ser isoladamente através das diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, nas formas de representação social. LOURO pondera que não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente

construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde à relação de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, construídas, ao longo dos anos e dos séculos, segundo a modo com as relações entre o feminino e o masculino foram engendrados socialmente (AUAD, 2006, p. 19).

Essas construções de gênero, acabam limitando as oportunidades iguais aos sexos, resultando assim, desigualdades nas várias áreas da vida de homens e mulheres.

Urge ainda enfatizar que a igualdade de gênero não deve ser entendida como igualdade de características entre os sexos, nem se deve basear na defesa de que homens e mulheres deverão ser coagidos a fazer as mesmas coisas. Antes, o que move a premência de se utilizarem as lentes de gênero é a defesa de que as pessoas de ambos os sexos deverão ter as mesmas oportunidades para aprender e para explorar desafios, sempre em consonância com as suas potencialidades, apetências e interesses individuais (VIEIRA, 2013, p. 81)

Um exemplo destas desigualdades, no âmbito profissional, de acordo com dados formulados pelo IBGE (2010), indica que independente da área de atuação, as mulheres tendem a receber salários inferiores aos dos homens.

Especificando a área do dado citado acima, na Educação, 83% dos profissionais são mulheres, mas recebem em média 72,1% daquilo que é pago aos homens (27,9% a menos). Já na área de Engenharia, Produção e Construção é aquela com o menor número de trabalhadoras, 21,9%, e elas recebem em média 66,4% do que os homens.

Um outro dado que afirma a desigualdade profissional, segundo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, de 2012, apesar de ganharem menos, as mulheres brasileiras têm uma jornada de trabalho maior do que os homens, onde 90% delas realizam tarefas domésticas, ao passo que entre os homens o número de 50%. Somando trabalho doméstico e trabalho remunerado, a jornada de trabalho semanal feminina é de 57 horas, enquanto dos homes é de 53 horas.

A dupla jornada está diretamente relacionada às expectativas de gênero que associam a feminilidade ao cuidado com a casa e a família. Essa forma desigual de distribuição de tarefas domésticas é verificada desde a infância onde as meninas tendem a assumir muito mais as atividades em casa do que os meninos. Segundo levantamento da ONG Plan International Brasil, em 2014, lavar louça é atividade realizada por 76,8% das meninas e 12,5% dos meninos.

Em suma, diante das estatísticas expostas acima, que mostram as desigualdades de gênero na vida adulta, e por fim, uma estatística feita por crianças, é clara a ligação que existe entre o que se é ensinado como natural desde a infância e os números de desigualdade de gênero na vida adulta. Logo, o contexto escolar, por fazer parte da formação integral de seus alunos, é lugar privilegiado para que seja problematizado e refletido sobre relações de gênero.

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Metodologia

A análise é qualitativa com uma amostra de 10 estagiários (as), cursando entre 3^a e 7^a série do curso de Pedagogia da Universidade Potiguar – UnP. Natal, RN.

O instrumento de coleta de dados foi questionário com perguntas dirigidas no formulário do office 365°, no qual os dados foram produzidos autonomicamente pelo formulário Online.

Resultados e discursões da pesquisa

Foram entrevistados (as) 10 estagiários cursando Pedagogia, entre eles (as) 8 mulheres e 2 homens, entre 18 e 38 anos. Vale ressaltar que tínhamos como foco para pesquisa ambos os gênero, homens e mulheres, mas o número de homens estudantes no curso de Pedagogia e com estágio na Educação Infantil é bastante limitado.

No início do questionário foi indagado, em forma de pergunta aberta, se o tema Relações de Gênero decorreu em algum momento da formação docente ou se os entrevistados (as) tinham conhecimento se tal tema seria abordado em algum momento do seu curso de Pedagogia.

Houve algumas respostas afirmando a existência da abordagem das Relações de Gênero na graduação, mas não como disciplina, sim como palestra, trabalho ou algum conteúdo específico. Apenas duas pessoas falaram que não houve de forma nenhuma a discursão do tema. Em uma das respostas, é exposto interesse para que tal problemática seja visto na graduação: “ainda não foi abordada, em disciplinas. É fundamental para a profissão de educadores, gostaria de ter essa formação”.

Quando questionados (as) se o as Relações de Gênero devem ser trabalhadas na formação docente, 7 acreditam que sim, 2 acreditam que não e 1 não soube dizer. Vale

evidenciar que durante a pesquisa, foi analisado a grade curricular atual do curso de Pedagogia em que tais entrevistados estudam (Universidade Potiguar – RN). A mesma inaugurou em 2018.1 uma nova estrutura curricular. Essa nova estrutura traz disciplinas específicas a respeito da diversidade, que ajudará os alunos na formação acadêmica sobre a temática e possivelmente sua postura enquanto estagiário e profissionais da educação.

Acreditamos ser na formação docente, que deve ser problematizado temáticas que incluem todo o processo da construção de novos sujeitos. Carvalho (2009, p.14) afirma que cursos de Pedagogia e Licenciatura, em particular, devem se comprometer com práticas pedagógicas que contribuam para erradicar as estruturas de dominação e promover a justiça, liberdade e felicidade na escola e na vida em geral”.

A formação docente e as práticas pedagógicas sensíveis à problemática de gênero atentam para a construção e desconstrução de representações (significados e valores denominados masculinos ou femininos) e sujeitos/identidades de gênero (como ser menino ou menina, mulher ou homem) em diferentes contextos educativos (CARVALHO, 2009, p. 31).

Foi questionado também, qual a opinião dos (as) estagiários (as) sobre a escola ser um ambiente apropriado para problematizar as relações de gênero. Dos entrevistados (as), 7 afirmaram que sim e 3 acreditam que não se deve abordar gênero na escola. Carvalho (2009, p. 27) afirma não ser possível transformar a desigualdade e construir a equidade de gênero sem um esforço educacional. Ademais, do ponto de vista da Aaud (2006, p.19)

é vital que as a categoria de gênero seja adotada, por desejar pesar aspectos das práticas escolares, especificamente na educação de meninos e meninas, que não seriam percebidos sem essa apropriação. Trata-se de contribuir para um questionamento nos fundamentos dos estudos sobre educação, ao se tomar como base as relações de gênero.

Ao perguntar se na escola onde exercem seus estágios, existem separação das crianças por sexo nas atividades pedagógicas e de recreação, evidenciou-se que, na sua maioria, as crianças não são estimuladas a fazerem atividades separadas por sexo. Do mesmo modo, não receberam orientação de seus superiores para que tal prática fosse feita.

Nesta questão, foi relatado que as divisões existentes nas atividades e brincadeiras são de forma autônomas e que as crianças já

chegam o ambiente escolar com práticas inseridas fora da escola. Assim como foi detectado a opinião de alguns entrevistados sobre o tema:

“Pelo professor as crianças não são separadas, mas as próprias crianças se separam. Exemplo, quando peço para as crianças escolherem uma cor para pintar e um menino pega a cor rosa, geralmente os outros meninos dizem que é cor de menina porque o pai tinha dito que não podia rosa”

“Não vejo problemas entre meninos com brinquedo de menina e vice-versa, mas acredito que pra tudo existe limite. As vezes a maldade está em que vê”

Finalizando o questionário, foi indagado aos estagiários (as) se meninos e meninas devem brincar e fazer suas atividades pedagógicas independente do sexo, ou se deve haver separação. Todos afirmaram que não deve existir separação nas atividades, brincadeiras e estímulos e expuseram suas opiniões: *“Acredito que eles devem brincar livremente”, “Impedir um menino de brincar de boneca, pode-se perder no futuro um grande chefe de cozinha ou excelente um pai. Ou não”. “Independente do sexo a criança precisa de estímulos que a tragam possibilidades em muitos momentos. O adulto quando educador não percebe ou deixa acontecer separações entre atividades por motivos de sexo e gênero. Creio que eu não posso começar uma carreira como educador enquanto não me desconstruir para desconstruir os ambientes onde estiver atuando”*. Vale ressaltar que em uma das respostas, é exposto uma inquietação sobre os “limites”: *“Acredito que existe um limite, sabendo respeitar o espaço de cada um”*.

CONSIDERAÇÕES

A partir de uma pequena amostragem, o trabalho teve como objetivo pontuar percepções dos estagiários do curso de Pedagogia sobre as relações de Gênero na Educação Infantil.

Detectamos que há um interesse dos estagiários (as) referente às relações de Gênero. Embora em pequena amostragem, pudemos perceber um consenso de que é importante problematizar as questões de gênero, apesar de que os resultados também mostram, mesmo em pequena escala, que alguns estagiários (as) entenderam não ser importante e ou relevante abordar a temática na graduação e nem no campo de estágio.

Verificamos que a temática foi abordada na universidade no período da formação

docente de forma transversal, por meio de temáticas secundárias e não por disciplinas específicas.

É importante ressaltar que o curso de pedagogia da Universidade Potiguar-RN inaugurou em 2018.1 uma nova estrutura curricular. Essa nova estrutura traz disciplinas específicas a respeito da diversidade, que ajudará os alunos na formação acadêmica sobre a temática e possivelmente sua postura enquanto estagiário e profissionais da educação.

É necessário compreender que meninos e meninas devem ter as mesmas possibilidades, os mesmos estímulos, os mesmos incentivos. Desfazer a ideia de que homens e mulheres nasceram para atividades distintas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito. Diferenças, igualdade.** São Paulo: **Berlendis & Vertecchia**, p. 118-146. *In:* ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. Diferenças, igualdade. Coleção Sociedade em Foco. São Paulo, Berlendis e Vertecchia Editores, 2009.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais.** Revira volta. São Paulo, 2016.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** Editora Contexto, 2006.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Inclusão da perspectiva de gênero na educação e na formação docente.** *In* Discutindo relações de gênero na escola: Reflexões e propostas para a ação docente. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2009.

VIEIRA, C. **Crescer sem discriminações. Perscrutando e combatendo estereótipos de gênero nas práticas familiares e escolares.** *In* Formação docente em gênero e sexualidade. Entrelaçando teorias, políticas e práticas, p. 65-91, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade.** *In:* LOURO, Guacira Lopes; WEEKS, Jeffrey; BRITZMAN, Déborah; HOOKS, Bell; PARKER, Richard; BUTLER, Judith. (Orgs.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6ª Edição. Petrópolis: vozes, 1997.

ANEXO: QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EI: PERCEPÇÃO DOS (AS) ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA.

* Essa pesquisa faz parte de estudos acadêmicos realizados pela aluna Jussira Silva da 3ª série de Pedagogia da Universidade Potiguar. Desde já agradeço a colaboração de todos os estagiários interessados em contribuir e ressalto que não será necessário a identificação do participante.

01. Sexo

Feminino: 08

Masculino: 02

02. Idade

Entre 18 e 28 anos 08

Entre 29 e 38 anos: 02

03. Qual série do curso de Pedagogia você está cursando?

3ª série: 06

4ª série: 0

5ª série: 03

6ª série: 0

7ª série: 01

04. Você está estagiando em escola pública ou privada?

Pública: 06

Privada: 04

05. Qual sua função no estágio?

Auxiliar em sala de aula: 06

Auxiliar com criança com necessidades especiais: 02

Outros: 02

06. Seu estágio é em qual etapa da Educação Infantil?

Berçário: 03 meses à 1 ano

Maternal: 1 à 2 anos

Educação Infantil: 3 à 5 anos

07. A temática gênero foi ou será abordada em algum momento na sua graduação? De qual forma? Como uma disciplina ou como conteúdo de alguma outra?

- *Ainda não em forma direta, mas creio que sim. (não sei qual será a disciplina)*

- *Ainda não de forma direta.*

- *Foi, como conteúdo.*

- *Conteúdo de alguma outra.*

- *Ainda não foi usada.*

- *A temática foi abordada por meio de uma matéria. Mais especificamente num trabalho apresentado.*

- *Ainda não foi abordada.*

- *Na minha graduação ela foi abordada na forma de conteúdo, falando sobre gênero na idade média, e como essas pessoas eram tratadas pela sociedade e seus preconceitos.*

- *Ainda não foi abordada, em disciplinas. É fundamental para a profissão de educadores, gostaria de ter essa formação.*

- *Não foi abordado como disciplina. Apenas em palestras.*

08. Na sua opinião, se deve abordar as relações de gênero na formação docente?

Sim: 07

Não: 02

Não sei dizer: 01

09. Na sua opinião, a escola é um espaço apropriado para problematizar as relações de gênero?

Sim: 07

Não: 03

10. Para você, o que os estudos de gênero abordam?

- *As relações entre homens e mulheres: 07*
- *Orientações sobre sexualidade: 03*
- *Não sei dizer*

11. Já teve interesse na temática relações de gênero?

Sim: 07

Não: 03

12. As crianças, em seu estágio, são separadas durante as atividades pedagógicas e recreação por sexo? Meninos e meninas?

Sim: 01

Não: 09

13. Espaço aberto para comentário sobre a questão anterior.

- *Não vejo problemas entre meninos com brinquedos de menina e vice-versa, mas acredito que pra tudo exista limite. As vezes a maldade está em quem vê.*
- *Pelo professor as crianças não são separadas, mas as próprias crianças se separam. Exemplo, quando peço para as crianças escolherem uma cor para pintar e um menino pega a cor rosa, geralmente os outros meninos dizem que é cor de menina porque o pai dele tinha dito que não podia rosa.*
- *As atividades do cmei são todas elaboradas cuidadosamente para que não haja separação, porém percebe-se que alguns educadores ainda não estão preparados, talvez por princípios próprios, a seguir o planejamento na sua totalidade.*
- *Onde faço estágio não se tem essa separação entre meninos e meninas.*

14. No seu estágio, em algum momento, você recebeu alguma orientação (professor (a) ou da gestão) sobre como agir em relação as divisão ou não, de atividades e brincadeiras, entre meninos e meninas?

Sim: 04

Não: 06

15. Espaço aberto para comentário sobre a questão anterior.

- *A professora me disse que as crianças tinham a autonomia de escolher o grupo, e que não era para fazer a divisão entre menina x menino*
- *Nunca recebi orientações sobre esse tema no estágio.*
- *Na escola a onde eu dou meu estágio, a orientação foi de não separa os alunos por gênero, e se aluno ou aluna, quer participa da brincadeira ou atividade em grupo.*

16. Em seu estágio, você acredita que meninos e meninas recebem os mesmo estímulos (cognitivos, motores, etc)?

Sim: 06

Não: 04

17. Espaço aberto para comentário sobre a questão anterior.

- *Sim, inclusive desde as atividades, jogos e brincadeiras.*
- *Acredito que sim, pois como as atividades e as brincadeiras são realizadas da mesma forma para todos, então todos São estimulados igualmente.*
- *Sim recebem, pois as atividades são feitas para todos e não separadas por gêneros.*
- *O tratamento para ambos os gênero são o mesmo*

18. Você já presenciou, no estágio, alguma situação que envolvesse as relações de gênero (meninos e meninas)? Se sim, pode contar? Qual sua opinião?

- *Não*

- *Não*

- *Um menino tinha o cabelo grande e tinha outra criança que o chamava de "ela" e o reconhecia como menina apenas por ele ter o cabelo grande. A experiência que estou tendo é que na escola que estou não faz essa separação de menina x menino, mas as crianças já vem agregada com esse 'valor' de rosa é de menina, bola é de menino, pois os próprios pais já dizem isso a eles.*

- *Sim. Uma certa educadora, desenvolveu uma atividade no parque, na qual se constituia em: meninas nas casinhas com suas bonecas e meninos no futebol. Se algum menino se aproximasse, ela mandava que saísse e fosse jogar bola.*

- *Não*

- *Nas atividades geralmente eles brigam livre. Como por exemplo, vejo meninas jogando*

futebol junto aos meninos e isso é algo normal.

- Não

- Não

- Brinquedos rosa, de utensílios do lar e bonecas só para meninas. Carrinhos e ferramentas ou bolas só para meninos em alguns momentos.

- Sim. Meninas brincando de bonecas por enquanto que meninos não podem brincar de boneca.

19. *Você acredita que meninos e meninas devem brincar ou fazer atividades livremente, independente do sexo? Ou deve-se existir sim uma separação? Pode nos falar sua opinião?*

- Devem brincar e fazer suas atividades livremente dentro do limite, sem extremos.

- Acredito que exista um limite, sabendo respeitar o espaço de cada um.

- Brincadeiras iguais, elas podem escolher o que quiserem

- Meninos e meninas podem e devem brincar juntos do que quiser. Na Educação Infantil, existe o fazer pedagógico em tudo. Impedir um menino de brincar com um fogãozinho ou de cuidar da boneca, pode-se perder no futuro um grande chefe de cozinha ou excelente um pai. Ou não.

- Acredito que eles devem brincar livremente.

- Sim. Por que menina não pode brincar de carro com meninos? Se quando maior, a mulher pode ter seu próprio carro...

- As atividades devem acontecer livremente, pois o que importa é a criatividade da criança, além da diversão.

- Sim, as brincadeiras quando ambos os gêneros participam o professor conseguir quebra essa dilema, que existe brincadeiras para meninos e outras para meninas, nós podemos envolver melhor toda a turma para quebra alguns tipos de preconceitos,.

- Independente do sexo a criança precisa de estímulos que a tragam possibilidades de aprendizado e expressão livre, infelizmente em muitos momentos o adulto quanto educador não percebe ou deixa acontecer separações entre atividades por motivos de sexo e gênero. Creio que não posso começar uma carreira como educador enquanto não me desconstruir para desconstruir os ambientes onde estiver atuando.

- Não deve existir separação